

## **O MISTICISMO MODERNO E A IGNORÂNCIA HISTÓRICA**

**Jan Duarte**

A raça humana foi criada há cerca de 25 mil anos atrás, a partir do DNA de alienígenas. Ou então, numa outra versão – revelada numa cozinha por um espírito da Lemúria – já era evoluidíssima há 35 mil anos. Aliás, os monges tibetanos são os guardiões de cavernas onde se escondem os segredos tecnológicos dessa antiga civilização e, graças a isso, conseguem se deslocar a qualquer lugar do mundo em espírito, através da projeção do seu corpo-astral. As bruxas queimadas pela Inquisição – e entre elas Joana D’Arc – eram sacerdotisas de um culto neolítico à Grande Mãe, que resistiu basicamente inalterado à implantação do cristianismo na Europa. Um autor de ficção científica descobriu uma técnica terapêutica com que podemos tratar todas as doenças mentais inorgânicas e orgânicas psicossomáticas, com garantia de completa cura, e afirma que o útero, como demonstrado cientificamente, é um lugar terrível, molhado, desconfortável e desprotegido. As pirâmides do Egito são acumuladores de energia cósmica, canalizadores da luz astral, e as relações matemáticas nelas encontradas são indícios seguros de (mais uma vez) uma civilização adiantadíssima que nos precedeu, ou da visita de extraterrestres. Os monólitos na França e na Inglaterra são agulhas de acupuntura aplicadas sobre as linhas energéticas da Terra<sup>1</sup>.

O que essa pequena coleção de afirmações tem em comum, além do evidente disparate? Em primeiro lugar, todas elas serviram de base para a criação, nos últimos cem anos, de uma miríade de seitas e religiões, que congregam muitos milhares de adeptos por todo o mundo ocidental. Esses adeptos possuem um perfil bastante específico: em média, são pessoas de bom nível sócio-econômico, com formação universitária e acesso à informação. Em segundo lugar, quase todas foram construídas a partir de alegações e arrazoados aparentemente científicos e, segundo seus precursores e adeptos, depois de extensas pesquisas.

As razões mais profundas que levam pessoas com o perfil citado a aceitar afirmações disparatadas e seguir seus divulgadores, muitas vezes com um considerável dispêndio de tempo e recursos, certamente são um prato cheio para os psicólogos. Nesse artigo, no entanto, me proponho a analisar um outro ângulo da questão: o apelo que o suposto "cientificismo" dessas seitas possui sobre tal parcela da população se deve ao desconhecimento histórico, ou mesmo à desconfiança ou repúdio que muitas pessoas –

mesmo pertencendo à tecnológica civilização ocidental – têm em relação ao método científico e à verdadeira ciência.

Até os albores da Revolução Industrial, nada ou quase nada do que era considerado ciência atingia a população, conservando-se nos domínios próprios de quem a fazia, ou daquela pequena minoria que possuía uma educação privilegiada. Bertrand Russell afirmava que até o fim do século dezoito o hábito científico da mente não afetava muito a vida cotidiana, pois não conduzia às grandes invenções que revolucionaram a técnica industrial<sup>2</sup>. O contato direto com a ciência se deu, paulatinamente, através dos seus efeitos e não dos seus métodos. Ele se deu através do contato diário com as comodidades que os utensílios, produzidos em decorrência das conquistas técnicas e científicas, foram aos poucos proporcionando. Deu-se, igualmente, através da necessidade de educação especializada que o manuseio desses utensílios (e do maquinário para produzi-los) se fez sentir.

Por outro lado, precisamos concordar com Russell quando ele nos diz que o modo de vida produzido pela ciência pode ser adotado por populações que têm apenas certos rudimentos práticos do conhecimento científico<sup>3</sup>. Convivendo com a ciência – ou pelo menos com a sua divulgação ou aplicação prática – desde o *século das luzes*, a população do ocidente não se tornou, necessariamente, mais *científica*. Ela desenvolveu, sim, habilidades específicas para lidar com os resultados finais do processo científico, bem como uma profunda noção da *necessidade* da ciência nos dias atuais.

Essa necessidade de ser científico, intrinsecamente produzida pela civilização industrial, se faz sentir em especial naquelas camadas da população que têm mais contato com os efeitos da ciência. Será sentida mais entre as populações urbanas do que entre as rurais e, nas primeiras, mais entre os que possuem maior acesso aos benefícios tecnológicos do que entre os excluídos. A cada nova revolução tecnológica, seja ela o automóvel, o rádio, a televisão, o computador pessoal ou a internet, as classes privilegiadas sentem-se na obrigação, muito mais do que aquelas excluídas, de acompanhar as mudanças e integrarem-se aos avanços tecnológicos, sob a pressão absoluta da modernidade, imprescindível às elites dos últimos dois séculos. Integrar-se não significa, contudo, compreender.

Essa característica não poderia deixar de se manifestar em outros domínios da vida cotidiana, como as crenças. Se uma elite *blasé* de fins do século XIX já se voltava contra o dogmatismo cristão e proclamava o paganismo como bandeira, essa tendência veio a acentuar-se ao longo do século XX. Buscava-se, cada vez mais, uma alternativa à

tradição cristã e, seguindo a corrente dos novos tempos, essa alternativa deveria ser científica, ao menos em aparência. Em especial no período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, a alternativa espiritual deveria não apenas ter uma aparência científica, mas também passou a espelhar as teorias conspiratórias que ganharam vulto diante das incertezas da Guerra Fria. O *oculto* ganhou novos contornos, passando a significar não apenas aquilo que é hermético, mas também aquilo que poderia ser deliberadamente ocultado para garantir, por parte das instituições, um predomínio sobre a população. Nesse contexto, passou-se a buscar não apenas aquilo que era científico, mas igualmente aquilo que a ciência oficial desprezava, supostamente porque ia de encontro ao seu edifício cuidadosamente construído, que lhe conferia *status* e poder.

Temos, portanto, três pontos distintos, mas que fazem parte de um mesmo processo: o desconhecimento dos métodos da ciência, a necessidade de estabelecer uma base científica para as crenças e, ainda, a negação da ciência tradicional, visto que esta pode ser vista como um instrumento de poder, ou como "parte do sistema".

Os dois primeiros pontos são facilmente exemplificáveis. O kardecismo surgiu na França em meados do século XIX e difundiu-se rapidamente pelo mundo ocidental. Seu criador foi o professor francês Hippolyte Rivail, que adotou o nome de Allan Kardec – de uma suposta encarnação anterior como druida. Após interessar-se pelo fenômeno das “mesas girantes”, Kardec-Rivail, dedicou-se à sua “investigação em moldes científicos”, da qual resultaram as obras nas quais codificou sua doutrina<sup>4</sup>. Ainda na década de 1970, no Brasil, era comum ouvirmos referências a esta doutrina cristã como "espiritismo científico", em contraposição ao cristianismo dogmático e ao espiritismo "animista" da umbanda e do candomblé. Essa pretensão de cientificidade se devia principalmente a dois fatores: a existência de fenômenos observáveis, como as manifestações mediúnicas, e a presença de uma lógica ao explicarem-se infortúnios e desigualdades sociais a partir de conceitos originalmente orientais, como carma e reencarnação.

Acontece, no entanto, que ambos os fatores não se coadunam, de forma alguma, com o método científico. Em primeiro lugar, os fenômenos apontados como observáveis e mensuráveis não resistiam aos mais elementares testes de laboratório. Em segundo, a lógica refinadamente construída partia de um pressuposto que não podia, absolutamente, ser comprovado: a existência de outras vidas.

Para os olhos do leigo – termo que não significa, de forma alguma, iletrado –, no entanto, a existência de um encadeamento lógico em um raciocínio é o que basta para

torná-lo científico. Se a esse raciocínio forem acrescentados cálculos matemáticos, mesmo disparatados, então sua cientificidade estará mais do que comprovada. Um cidadão razoavelmente instruído que lê algo como "a altura da Grande Pirâmide multiplicada por um bilhão é a distância da Terra ao Sol" admira-se com o incrível conhecimento matemático e astronômico dos construtores do monumento. Não faz, contudo, a pergunta básica: uma vez que, numa órbita elíptica, a distância da Terra ao Sol varia, em que ponto ela é um bilhão de vezes a altura da Grande Pirâmide? Ou ainda: qualquer construção humana que tenha a mesma altura que a Grande Pirâmide também foi, necessariamente, construída a partir de um conhecimento místico e/ou oculto?

Ao ler em um livro que nas *Stanzas de Dzyan*, milenar livro venusiano-atlante-tibetano, ficam claras as interferências extraterrestres na formação da humanidade, ou que o *Papiro Tulli* fala do avistamento de um disco-voador pela corte do faraó Tutmósis III, ele ao menos se pergunta se tais escritos existem realmente. Esses documentos aos quais nos referimos, por exemplo, são inúmeras vezes citados na literatura fantástica. No entanto, nunca existiram. Para o cidadão comum, ainda que razoavelmente instruído, a alegação de que algo "está escrito em tal lugar" – de preferência num antigo manuscrito – costuma bastar.

Além dos incríveis escritos antigos (inexistentes ou interpretados e traduzidos de forma parcial ou fraudulenta), outro argumento comum que confere plausibilidade *científica* às crenças é o argumento da autoridade. Os bem intencionados e crédulos leigos citam autores, que geralmente citaram outros autores, e assim por diante, que teriam feito "exaustivas pesquisas" sobre um determinado assunto. Novamente a pergunta crucial deixa de ser feita: qual foi o método de pesquisa utilizado por esses autores? Deixa-se de lado o fato de que uma pessoa ler durante anos a fio inúmeros autores esotéricos, tendo ela mesma uma mentalidade esotérica, ou visitar inúmeros locais alegadamente místicos, com uma predisposição mística, o torna quando muito um *expert* em esoterismo ou em misticismo, mas nunca um pesquisador isento sobre outros assuntos.

Ao nos referirmos a estes "pequenos inconvenientes" da pesquisa científica real – análise heurística e hermenêutica das fontes, isenção do pensamento, possibilidade de verificação por outros pesquisadores, etc. – provocamos, no entanto, a imediata manifestação do terceiro aspecto a que nos referimos anteriormente: a alegação de que a ciência, como instituição, conspira para manter o grande público alheio às verdades que

podem ameaçá-la. Esse argumento, ainda hoje extremamente comum, e que normalmente transforma pesquisadores sérios em maquiavélicos cétricos destruidores de crenças, ganhou força especialmente a partir da década de 1950 e transformou a "ciência oficial" numa vasta conspiração diversionista ao longo de todo o período da Guerra Fria.

Ao mesmo tempo em que, na França, a *École des hautes études*, lançava as bases da chamada História Nova, rompendo com os paradigmas positivistas, um amplo cartel de escritores franceses cunhava o termo "realismo fantástico". Tendo como referências máximas figuras como a de Eliphas Levy, Helena Blavatsky e Charles Fort, e apoiando-se nos métodos que citamos – documentos inexistentes, cálculos falaciosos, observações tendenciosas e utilização seletiva de evidências – esses escritores buscaram reescrever a pré-história da humanidade a partir da existência dos "antepassados superiores". Embora precisemos admitir gradações (no âmbito do devaneio histriônico) entre um Jacques Bergier ou mesmo um Erich von Däniken e um crédulo xenófobo como Guy Tarade, todos levaram o seu público a pensar na grande "ocultação" levada a cabo pela ciência oficial daquilo que não se encaixava nas suas teorias, bem como a vislumbrar um passado da humanidade altamente romantizado, do qual seriam descendentes intelectuais (conforme a nacionalidade do autor) franceses, alemães, ingleses, e assim por diante. O que podemos imediatamente verificar, pelo sucesso desse tipo de literatura, antepassada direta dos atuais livros de auto-ajuda e que inclui igualmente referências a dinossauros na África e discos-voadores, é um sentimento de incompletude, uma certa desilusão com um mundo que se tornou por demais conhecido, ao mesmo tempo que os mecanismos do poder se tornaram por demais complexos e fora do alcance do cidadão comum.

O imaginário ocidental, desde fins da Idade Média até fins do século XIX, se alimentou dos relatos de viagens por regiões inexploradas e exóticas, encontros com civilizações desconhecidas e espécies animais insuspeitas. Tais narrativas, freqüentemente fantasiosas e muitas vezes contaminadas de uma profunda xenofobia, foram se localizando geograficamente em locais cada vez mais inacessíveis, conforme o mundo se tornava menor e mais conhecido. Mesmo com a China de Marco Polo, a América de Colombo, a África de Livingstone, a Oceania de Cook se integrando ao cotidiano do mundo ocidental "civilizado", determinados rincões desses continentes guardaram até o século passado aquela aura de mistério que lhes conferia um caráter de possibilidades irrestritas, onde as lendas são passíveis de se tornar realidade. Se, no

plano da ficção, Arthur Conan Doyle fez seu Prof. Challenger descobrir dinossauros na Amazônia<sup>5</sup>, não faltaram aqueles que entreviram essa possibilidade como real.

A Segunda Guerra Mundial e, posteriormente, a Guerra Fria, legaram-nos um mundo muito menor. Os limites do conflito expandiram-se para algumas daquelas mesmas selvas inexploradas onde haveria animais fantásticos. A invasão chinesa do Tibet não revelou as entradas da Agartha<sup>6</sup>. Os satélites espões não revelaram as ruínas de civilizações perdidas ou o Pé-Grande; submarinos atômicos e navios oceanográficos não detectaram serpentes marinhas. Talvez por isso mesmo o desconhecido, o mistério, ou o perigo tenha se deslocado para o espaço, na forma de fugidias naves reluzentes em forma de disco, as quais traziam, ainda, o apelo da tecnologia, da ciência superior, como cabia aos novos tempos. Por outro lado, a incerteza gerada pela possibilidade do conflito atômico, o deslocamento do poder mundial para intangíveis ideologias ou para o ainda mais intangível Capital, tornava viável a idéia da existência de um "poder oculto", de forças misteriosas que manipulavam o destino da humanidade e, quem sabe, tramavam o seu fim ou poderiam evitá-lo.

Poderíamos, ainda, apontar a crescente especialização e complexidade de determinadas áreas da ciência como um fator que uniu a ciência ao mistério, ou melhor, que uniu uma fraca compreensão da ciência com uma necessidade premente de mistério. A Física Quântica, por exemplo, passou a ser utilizada por leigos para justificar todo e qualquer tipo de afirmação esotérica. Afinal, pseudo-cientistas que fizeram as mais esdrúxulas ligações entre ramos da ciência e misticismo receberam muito mais destaque na mídia, e atingiram muito mais o imaginário popular, do que a aridez da pesquisa real. Temas polêmicos, no limiar entre a ciência e a mistificação, ou aqueles no qual a pesquisa científica está aliada ao perigo e a aventura, são aqueles que ganham destaque em noticiários e orientam as programações das emissoras de TV especializadas em documentários. Na maior parte das vezes, esses documentários tendem a se concentrar mais nos resultados e nas vicissitudes do processo do que no processo científico em si, o qual é apenas superficialmente mencionado.

Por fim, há ainda um outro aspecto que não pode deixar de ser mencionado e que apenas aparentemente é antitético em nossa sociedade tecnológica, caracterizada pela rapidez cada vez maior das comunicações: existe, na grande maioria da população, um empirismo ainda muito marcante, onde a experiência pessoal, própria ou alheia, ganha prioridade na aceitação daquilo que é tido como "verdadeiro" ou não. O relato pessoal, independente de sua verossimilhança, é sempre tido como um argumento de

muito peso, o que, talvez, possa ser analisado como uma herança de um tempo em que as comunicações precárias enfatizavam o "ouvir falar". Um exemplo claro da importância desse tipo de argumento em nossos dias é a imensa quantidade de spams que circulam pela internet, falando de falsos vírus de computador, doenças imaginárias e perigos inexistentes, e que são repassados a partir da presunção de verdade implícita na experiência pessoal de quem foi supostamente afetado.

Essa característica está presente nas obras da maioria dos escritores do "realismo fantástico" e dos fundadores de seitas. Relatos de fulanos e beltranos (que muitas vezes "não querem" ou "não podem" se identificar) são usados para dar verossimilhança às mais diversas alegações, apesar dessas fontes dificilmente serem apresentadas com elementos que possibilitem a sua verificação. As *strega* de Leland<sup>6</sup>, as *wica* de Gardner<sup>7</sup>, o Tibet imaginário de Lobsang Rampa<sup>8</sup> ou mesmo os ensinamentos indígenas revelados a Castañeda<sup>9</sup> surgiram, entre outros exemplos, de relatos desse tipo.

O argumento da experiência pessoal tem ainda um componente que serve de elo entre o nosso tempo e a Idade Média, ou épocas ainda anteriores: ele se propaga e se fortalece através do contágio. A menção da experiência mística de uma pessoa imediatamente encontra eco em outras que, ao ouvirem-na, imaginam terem passado por experiência similar, geralmente conectando fatos que possuam vaga semelhança com o descrito. Nesse aspecto, não existe grande diferença entre projeção astral, rapto por alienígenas ou visões marianas no século XII. Diante do componente místico ou fantástico, introjetado como experiência pessoal, caem por terra os argumentos racionais que se choquem contra esse componente.

Conforme mencionei no início desse artigo, o aparente paradoxo expresso pela credibilidade ingênua e acrítica de uma parcela da sociedade da qual se poderia esperar um comportamento justamente inverso, certamente será melhor explorado pela psicologia social. No entanto, creio ser possível afirmar que existem raízes históricas para esse tipo de comportamento: o rompimento com o misticismo promovido pelo século XX foi apenas aparente, uma vez que não se promoveu, efetivamente, a criação de uma sociedade científica, mas antes de uma sociedade tecnológica. Nessa sociedade, onde as diretrizes educacionais foram consistentemente orientadas pelo pragmatismo, o conhecimento da ciência se deu – excetuando-se para pequenas parcelas da população – sempre de segunda mão, a partir da sua aplicação prática e cotidiana, e não através do método científico em si. Dessa maneira, a cada uma das crises da civilização ocidental – e as tivemos em fins do século XIX, após as duas guerras mundiais e em 1968, apenas

para citar alguns exemplos coincidentes com surtos de misticismo e criação de seitas – o modelo tecnológico é negado e surge, em contraste, a explicação mística que pretende ser científica.

As afirmações disparatadas que citei no início, portanto, são resultado da busca de um novo entendimento para a religiosidade, ou de uma nova explicação para o mundo, que se baseia na necessidade de ser científica de uma parcela da população que, contudo, desconhece a ciência. Dessa maneira, envereda por caminhos ilógicos, onde a manipulação de informações é a tônica, sem ao menos se dar conta que, com isso, afasta-se tanto da religião quanto da história ou da ciência, sem com isso conseguir uma posição intermediária que as concilie.

---

Notas:

<sup>1</sup> As afirmações citadas foram recolhidas e condensadas de diversas obras de autores como Claude Vorilhon, J. Z. Knight, Lobsang Rampa, Gerald Gardner, Jacques Bergier, Louis Charpentier, entre outros.

<sup>2</sup> RUSSELL, Bertrand. *Ensaio Céltico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> BLACKWELL, Anna. *Allan Kardec Biography*. Texto disponível em <<http://www.spiritwritings.com/kardec.html>>, acessado em 21/09/2008.

<sup>5</sup> DOYLE, Arthur Conan. *O Mundo Perdido*. São Paulo: Nacional, 2002.

<sup>6</sup> Charles G. Leland, folclorista amador radicado na Inglaterra, publicou em 1899 um livro chamado "Aradia, O Evangelho das Bruxas", no qual descrevia um culto ainda vivo à Diana e Lúcifer, conforme teria sido revelado a ele por uma *strega* (bruxa) italiana.

<sup>7</sup> Gerald B. Gardner, em suas duas obras publicadas em meados da década de 1950, "O Significado da Bruxaria" e "Bruxaria Hoje", retoma as idéias de Margareth Murray sobre um culto neolítico da bruxaria. Suas sacerdotisas, as *wica*, estariam ainda atuantes, e as informações que ele obtivera teriam sido repassadas por Old Dorothy, uma dessas sacerdotisas.

<sup>8</sup> Lobsang Rampa foi o nome adotado por um encanador inglês chamado Cecil Hoskins. Em seus inúmeros livros, que foram best-sellers mundiais, ele se apresentava como um monge que teria sido encarregado de revelar ao ocidente a sabedoria oculta do Tibet.

<sup>9</sup> Carlos Castañeda, doutor em antropologia pela UCLA, obteve reconhecimento mundial pelos seus livros, nos quais descreve os ensinamentos que teria recebido de um xamã iaqui chamado Don Juan. A existência desse personagem, contudo, nunca foi comprovada e, por esse e outros motivos, toda a sua obra é intensamente contestada no meio antropológico.